

DESAFIOS E POSSIBILIDADES DA INCLUSÃO ESCOLAR NO PERÍODO PANDÊMICO: um diálogo com professores regentes e de apoio

Edriana Moraes de Oliveira

Acadêmica do curso de Pedagogia da Faculdade Almeida Rodrigues (e-mail: moraesedriana@gmail.com)

Jordana dos Santos Alves

Acadêmica do curso de Pedagogia da Faculdade Almeida Rodrigues (e-mail: jordana.angel@hotmail.com)

Thalita Lorrany Godoy Ribeiro

Acadêmica do curso de Pedagogia da Faculdade Almeida Rodrigues (e-mail: thalitalorranypedagogia23@gmail.com)

Viviane Marques Costa

Orientador(a) do curso de Pedagogia da Faculdade Almeida Rodrigues (e-mail: profvivianemarques@gmail.com)

RESUMO

O presente trabalho busca analisar a educação inclusiva e a sua implementação na comunidade escolar no município de Rio Verde – GO, propondo como problema de pesquisa a verificação de como foi o ensino durante a pandemia e quais os desafios surgidos nas aulas remotas. Sabe-se que os alunos público alvo da inclusão, necessitam de acolhimento. Entretanto, antes do período pandêmico a educação inclusiva já passava por algumas intempéries, como a falta de comprometimento dos professores de apoio, que muitas vezes desistiam de mediar o processo de ensino-aprendizagem, por acreditarem que não haveria sucesso nas atividades. Outro fator relevante, é a falta de preparo do professor regente, pois alguns não adicionam os alunos de fato na sala de aula, deixando-o apenas com seu mediador. Por outro lado, os pais, também são vistos como um desafio, visto que não conseguiram sustentar o processo de aprendizagem de seus filhos, por falta de conhecimento ou até mesmo por não possuírem a desenvoltura correta para lidar com as atividades propostas pelos professores. A construção desta pesquisa é bibliográfica e de campo com base teórica nos autores: Mantoan (2015), Beyer (2002), Freire (1997) e Gomes e Santos (2021) dentre outros. Acredita-se, que ainda é necessário muito estudo a respeito de uma educação inclusiva e equitativa. Por meio da pesquisa campo, realizou-se um questionário com os professores regentes e professores de apoio que estão à frente do ensino dos alunos público da inclusão, onde pretende-se analisar como está ocorrendo este processo de ensino e aprendizagem dos discentes.

Palavras-chave: Formação Continuada. Família. Ensino Remoto.

CHALLENGES AND POSSIBILITIES OF SCHOOL INCLUSION IN THE PANDEMIC PERIOD: a dialogue with regent and support teachers

ABSTRACT

This paper seeks to analyze inclusive education and its implementation in the school community of Rio Verde – GO, proposing as a research problem the verification of how teaching was during the pandemic and the challenges that arose in remote classes. It is known that the target audience students for inclusion need to be welcomed. It is known that the target audience students for inclusion need to be welcomed. However, before the pandemic period, inclusive education had already gone through some storms, such as the lack of commitment from support teachers, who often gave up on mediating the teaching-learning process, believing that there would be no success in the activities. Another relevant factor is the lack of preparation of the regent teacher, as some do not actually add students to the classroom, leaving the student only with their mediator. On the other hand, parents are also seen as a challenge, as they were unable to sustain their children's learning process, due to lack of knowledge or even for not having the correct resourcefulness to deal with the activities proposed by the teachers. The construction of this research is bibliographical and theoretically based on the authors, Mantoan (2015), Beyer (2002), Freire (1997) and Gomes e Santos (2021) among others. It is believed that there is still a need for much study regarding inclusive and equitable education. Through the field research, a questionnaire was carried out with the regents and support professors who are in charge of the teaching of public inclusion students, which intends to analyze how this process of teaching and learning of students is taking place.

Keywords: Continuing Education. Family. Remote Teaching.

1 INTRODUÇÃO

O artigo proposto, é um estudo por meio da análise de pesquisa campo e bibliográfica com autores renomados, a fim de verificar a partir de um processo de reflexão da prática educativa e inclusiva, em relação ao ensino de crianças público alvo da inclusão, visando sua participação plena no ensino regular, a qual não deve ser diferente dos demais, pois possuem os mesmos direitos.

Assim, a pesquisa se justifica como fator essencial, com base no momento vivido pela sociedade em época pandêmica, onde o ensino se depara com intempéries variados.

A partir da análise das respostas dos professores regentes e de professores apoio, pretende-se verificar as falhas e as possibilidades de melhoria no processo de ensino. Será observado também o nível de conhecimento dos profissionais sobre os

direitos das crianças, bem como a metodologia de ensino aplicada, planejamento e a participação dos alunos nesse período.

Por isso é de suma importância, refletir sobre a necessidade de pensarmos a formação continuada de professores regentes e de professores de apoio, voltando-se não somente para a realidade pandêmica, mas pensando num desenvolvimento da aprendizagem como um processo evolutivo, e dessa forma aconteça um ensino eficaz para alunos com alguma deficiência ou transtornos.

2 O ENSINO DOS ALUNOS DA INCLUSÃO ANTES E DURANTE A PANDEMIA

O trabalho com os alunos da inclusão é desafiador, aborda-se nesse capítulo como era realizado o trabalho antes e durante a pandemia, observando o que mudou na forma de ensino dessas crianças, visto que em sala de aula elas já eram desassistidas, sendo excluídas da maioria das atividades realizadas. Conforme Mantoan (2015) para a escola ser inclusiva é necessário que os planos transformem a educação, que ele seja então voltado para a cidadania global, livre de preconceitos, que valorize e reconheça as diferenças.

O ensino deve ser voltado para o aprendizado enriquecedor, valorizando aquilo que a criança já sabe e incluindo-o em todas as atividades da sala, e o professor sendo mediador desta aprendizagem, porém nota-se que não é isso que acontece nas escolas, pois nem todos os professores regentes e de apoio são preparados para o ensino, deixando os alunos excluídos a cada dia. Mantoan (2015, p. 74) destaca que:

[...] não se excluirá nenhum aluno das atividades nem serão oferecidas a alguns (os que menos sabem) atividades adaptadas, facilitadas. Todavia atividade deverá suscitar exploração, descoberta com base nas possibilidades e nos interesses dos alunos que optaram por desenvolvê-las em pequenos grupos ou por si mesmos. Com o ensino não é diferenciado para os mais avançados ou com menos capacidade, é importante lembrar que ensinar é um ato coletivo, mas o aprender sempre é individualizado.

Em época pandêmica sabemos que o ensino desses alunos se tornou ainda mais complexo, pois, nem sempre os pais sabem lidar com o ensino de seus filhos nas atividades, e segundo Freire (1997, p. 19),

O fato, porém, de que ensinar, ensina o ensinante a ensinar um certo conteúdo não deve significar, de modo algum, que o ensinante se aventure a ensinar sem competência para fazê-lo. Não o autoriza a ensinar o que não sabe. A responsabilidade ética, política e profissional do ensinante lhe coloca o dever de se preparar, de se capacitar, de se formar antes mesmo de iniciar sua atividade docente.

Entretanto, esse preparo para a qualificação dos pais, não houve, a pandemia pegou todos de surpresa, até mesmo, às vezes pelo simples fato de não haver internet em casa, ou pais sem condições para lidar com esse ensino remoto, sem contar que não tinham formação para auxiliá-lo. Tornando mais um empecilho para a aprendizagem. Assim, segundo Costa (2020), o Ensino remoto utilizado atualmente em caráter emergencial no Brasil, assemelha-se ao EAD (Ensino à Distância), porém apenas no que se refere a uma educação mediada pela tecnologia. Os pais então tiveram que adequar-se aos mesmos princípios que seguem a educação presencial.

Nesse sentido, para que haja inclusão é necessário que o professor regente inclua esses alunos no processo educativo durante as atividades realizadas em sala e desta forma, atuando como parceiro e colaborador, o professor de apoio daria um suporte a mais para que eles, visto que,

A educação inclusiva constitui um paradigma educacional fundamentado na concepção de direitos humanos, que conjuga igualdade e diferença como valores indissociáveis, e que avança em relação à ideia de equidade formal ao contextualizar as circunstâncias históricas da produção da exclusão dentro e fora da escola (SÚMULA ..., 2008, 269).

Mas a realidade é bem diferente, a própria sala de aula não trabalha com a educação inclusiva e exclui esses alunos, muitas vezes por despreparo do professor regente que não sabe conduzir uma sala que tenha alunos da inclusão e assim não propõe atividades que os possibilite perceber a diversidade que há na inclusão. Ocorrem ocasionalmente algumas situações, onde os professores enxergam os alunos como incapazes de realizar as atividades propostas e não sabem lidar com frustrações advindas desse público. Beyer (2002, p.164) ressalta que,

Para os professores em atividade, para quem a proposta da integração escolar surge como um adicional “complicador”, uma formação continuada deve propiciar ferramentas básicas, tendo em vista sua capacitação. Evidentemente, esta formação deve encerrar os requisitos essenciais para uma condução razoável do processo de ensino-aprendizagem, desde os fundamentos conceituais da educação integradora/ inclusiva até os aspectos pedagógicos implícitos nesse processo, tais como a metodologia de ensino, os recursos didáticos, as formas de aprendizagem de alunos com

necessidades especiais, sua progressão escolar, as questões de avaliação e da terminalidade escolar, etc.

Por esse motivo, é necessário que haja mudanças no método de ensino para alunos da inclusão, tanto o professor regente, quanto o professor de apoio devem ter preparo para ensinar e mediar o processo de ensino desses alunos. Os educadores devem de fato incluírem esses alunos na sala de aula, para que eles se sintam acolhidos por seus professores e colegas de classe.

Dessa forma, o ensino com alunos da inclusão deve ser voltado para sua habilidade, valorizando aquilo que a criança já sabe e incluindo-o em todas as atividades da sala, e o professor ser mediador da aprendizagem, porém nota-se que não é isso que acontece nas escolas, nem todos os professores regentes e de apoio são preparados para o ensino dessas crianças e deixam os alunos excluídos. Mantoan (2015, p. 74) destaca que:

[...] não se excluirá nenhum aluno das atividades nem serão oferecidas a alguns (os que menos sabem) atividades adaptadas, facilitadas. Todavia atividade deverá suscitar exploração, descoberta com base nas possibilidades e nos interesses dos alunos que optaram por desenvolvê-las em pequenos grupos ou por si mesmos. Com o ensino não é diferenciado para os mais avançados ou com menos capacidade, é importante lembrar que ensinar é um ato coletivo, mas o aprender sempre é individualizado.

Em época pandêmica, sabemos que o ensino desses alunos se tornou ainda mais complexo, pois, nem sempre os pais sabem lidar com o ensino de seus filhos nas atividades, e segundo Freire (1997, p. 19),

O fato, porém, de que ensinar, ensina o ensinante a ensinar um certo conteúdo não deve significar, de modo algum, que o ensinante se aventure a ensinar sem competência para fazê-lo. Não o autoriza a ensinar o que não sabe. A responsabilidade ética, política e profissional do ensinante lhe coloca o dever de se preparar, de se capacitar, de se formar antes mesmo de iniciar sua atividade docente.

Portanto, o que já era difícil de acontecer tornou-se quase impossível durante a pandemia, principalmente pela falta de comprometimento e formação de alguns professores com esses alunos e a falta de estrutura familiar. Enfim, o trabalho didático-pedagógico em sala de aula, com alunos público alvo da inclusão, deve ser direcionado a olhar o lado ser humano, constitui assim, como um dos objetivos da inclusão escolar que,

[...] postula uma reestruturação do sistema educacional, ou seja, uma mudança estrutural no ensino regular, cujo objetivo é fazer com que a escola se torne inclusiva, um espaço democrático e competente para trabalhar com todos os educandos, sem distinção de raça, classe, gênero ou características pessoais, baseando-se no princípio de que a diversidade deve não só ser aceita como desejada (BRASIL, 2001).

A priori, o ensino deve ser feito sem discriminações e exclusões tendo o professor a função de atualizar seus conhecimentos e dominar o assunto para que os alunos tenham o que aprender, buscando melhorar a sua forma de ensino para que possa atender a todos. Alves (2017, p. 130) consolida que “as aprendizagens construídas na escola, muitas vezes, são as mais relevantes para a vida das pessoas [...]”. Desta forma, conclui-se as aprendizagens obtidas na escola reflete sobre a vida dos alunos de modo geral.

2.1 É direito de todos ter uma educação de qualidade

A educação de ensino regular é o primeiro contato que os alunos têm com o universo cheio de descobertas e aprendizagem e nessa fase a inclusão é fundamental. O ensino de qualidade é voltado para garantir ao aluno uma formação que auxilie na passagem do mundo familiar para o público. Bem como oferece,

[...] a educação especial é uma modalidade de ensino que perpassa todos os níveis, etapas e modalidades, realiza o atendimento educacional especializado, disponibiliza os recursos e serviços e orienta quanto a sua utilização no processo de ensino e aprendizagem nas turmas comuns do ensino regular (BRASIL, 1996).

Por isso é fundamental que a escola se adapte à realidade do aluno, para que possa dar continuidade no ensino e assim não gerar muitas dificuldades nas próximas séries. Todavia, sabemos que para que isso ocorra gestores, educadores e toda a equipe pedagógica da escola, devem estar preparadas para dar suporte e atenção as todas as necessidades das crianças em seu processo ensino aprendizagem. Camargo (2016), ainda complementa que uma vez utilizados recursos didático-pedagógicos, estes veem a valorizam a diversidade sensorial e discursiva nos processos de ensino, favorecendo a participação efetiva de todos em sala de aula.

A escolarização dos alunos da inclusão tem desafiado o espaço escolar a construir novas metodologias de ensino, como por exemplo: trabalhar com jogos e atividades lúdicas e que chamem a atenção dos alunos, materiais concretos e visuais,

contudo a formação continuada para professores, ainda estão escassas, perante a demanda escolar das crianças que são alvo da educação especial (JESUS; EFFGEN, 2012).

O artigo 205 da constituição federal de 1988 destaca que,

a educação direito É de todos e dever do seu estado e família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para exercício da cidadania e sua qualificação do trabalho (BRASIL, 1996).

A lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9.394/96) destaca que os alunos com de deficiência tem direito a educação “Art. 3º inciso I- igualdade de condições para o acesso e permanência na escola” (BRASIL, 1996), porém há muitas dificuldades, como a falta de atividades lúdicas para mediar a aprendizagem dos alunos, o despreparo de profissionais dentro da sala de aula, afim de se incluir verdadeiramente o aluno da inclusão.

O artigo 206 da Constituição Federal abrange vários pontos importantes como igualdade ao acesso à educação, liberdade de aprender, de expressar ideias, qualidade na educação a questão da valorização dos professores de ensino garantido o plano de ensino, mas como sabemos nem tudo ocorre de acordo com a lei, precisa ser feita muitas mudanças no processo de ensino para garantir uma qualidade de ensino as nossas crianças (BRASIL, 1988).

Complementando, Mantoan (2015, p. 9-10) afirma que:

O Brasil mudou sua política de educação especial e melhorou em todos os aspectos- com garantia da matrícula do financiamento público e dos recursos de acessibilidade na escola comum- não significa, contudo, dizer que os nossos problemas históricos quanto à garantia do direito à educação aos estudantes com deficiência foram resolvidos.

Entretanto, apesar dos alunos da inclusão estarem amparados pelas leis, pode-se observar apenas a escrita no papel, pois na realidade é tudo diferente, nem sempre esses alunos tem um ensino de qualidade. Mantoan (2015) elucida ainda, sobre o atendimento educacional especializado, que é necessariamente diferente no ensino regular, e deve ser ofertado a todos, com qualidade, pois este vem a complementar e suplementar o ensino regular, visto que busca atender às especificidades dos estudantes com deficiência.

2.2 O papel do professor no processo de ensino de alunos da educação especial

O professor tem um papel fundamental no ensino de seus alunos, deve buscar sempre inovar, usar métodos que favoreçam a aprendizagem, com riqueza de detalhes, por isso a formação continuada é de suma importância, pois muitos professores não gostam de trabalhar com alunos da inclusão por medo, por não terem uma formação adequada, por desconhecer o assunto e não estar habituado.

Mantoan (2015) aborda em seu livro uma realidade dolorosa em no meio educacional sobre professores que precisam excluir a exclusão para fora da escola aceitando o desafio de se ter um aluno da inclusão, para que possa avançar e progredir, mas há uma grande relutância dos professores em recebê-los, às vezes, por falta de conhecimento ou de preparo.

Ademais, isso é uma forma que professores de ensino regular usam para discriminar as crianças que não consegue ensinar jogando a responsabilidade para outros. Um professor não quer ser considerado incompetente e busca todos os meios para se livrar da responsabilidade, Mantoan (2015, p. 53) argumenta que “a escola precisa se reorganizar, para que os cursos de formação inicial e continuada de professores, permaneçam, de modo que as práticas de ensino contemplem a diferença”. A escola tem a função de incentivar a formação continuada de toda a equipe pedagógica. “Formar o professor na perspectiva da educação inclusiva implica ressignificar o seu papel, o da escola, o da educação e o das práticas pedagógicas usuais do contexto excludente do nosso ensino, em todos os níveis” (MANTOAN, 2015, p. 81).

A escola em época pandêmica passou por mudanças, foi necessário que o professor reaprendesse o processo de ensino principalmente da educação inclusiva, buscando inovar-se em suas aulas, uma vez que o método online dificulta o aprendizado do aluno e nem todos tem o acesso ao mesmo. Conforme Gomes e Santos (2021, p. 32):

Em tempos pandêmicos, incluir o aluno com deficiência pode parecer complexo, porém, se a escola conseguir manter um diálogo com a família e integrar de maneira significativa às atividades escolares, teremos um grande avanço na perspectiva do ensino remoto.

Por esse motivo é necessário que a educação inclusiva aconteça para cada vez mais integrar os alunos na sociedade e assim conquistarem seu espaço como cidadãos.

Durante a pandemia o ensino chegou aos alunos por meio do ensino remoto, no qual os professores disponibilizaram atividades em plataformas on-line e colocaram uma data limite para a entrega. Para os alunos da inclusão foi necessária a participação total dos pais ou responsáveis, já que não havia o professor para mediar o processo de aprendizagem, o que pode ter dificultado a concretização do ensino.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O trabalho está estruturado como uma pesquisa de campo, em que foram entrevistados indivíduos que estão à frente do ensino: os professores regente e de apoio. O método de pesquisa que será utilizado é o exploratório, pois permite uma maior interação com o tema que será desenvolvido. De acordo com Gil (2008, p. 27).

Pesquisas exploratórias são desenvolvidas com o objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato. Este tipo de pesquisa é realizado especialmente quando o tema escolhido é pouco explorado e torna-se difícil sobre ele formular hipóteses precisas e operacionalizáveis.

Dessa forma, a pesquisa será feita de forma qualitativa, pois é uma pesquisa que há um levantamento e coleta de dados sobre as motivações de um grupo que são mais subjetivos. Busca compreender e interpretar determinados comportamentos, opiniões, expectativas, sentimentos, percepções, entre outros aspectos imateriais. Não tem somente o intuito de obter números como resultados, conforme a abordagem quantitativa, mas procurar entender qual o melhor caminho para a tomada de decisão sobre o problema a ser estudado.

A pesquisa será feita por entrevista. Realizando perguntas formuladas para obter maiores informações das pessoas entrevistadas. De acordo com Marconi e Lakatos (2017, p.129),

A entrevista é um encontro entre duas pessoas, afim de que uma delas, mediante conversação, obtenha informações a respeito de determinado assunto. É um procedimento utilizado na investigação social, para a coleta de dados, ou para ajudar no diagnóstico ou no tratamento de um problema social.

Sendo uma pesquisa que será realizada a campo.

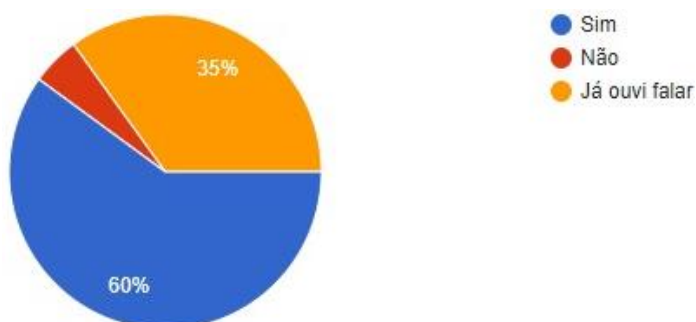
As fases da pesquisa de campo, em primeiro lugar, requerem a realização de uma pesquisa bibliográfica sobre o tema em questão, que serve para se saber em que estado se encontra o problema, que trabalhos já foram realizados a seu respeito e quais são as opiniões reinantes sobre o assunto, bem como estabelecer um modelo teórico inicial de referência; auxilia ainda na determinação das variáveis e elaboração do plano geral da pesquisa. Em segundo lugar, de acordo com a natureza da pesquisa, devem-se determinar as técnicas que serão empregadas na coleta de dados e na determinação da amostra, que deverá ser representativa e suficiente para apoiar as conclusões. Por último, antes que se realize a coleta de dados, é preciso estabelecer tanto as técnicas de registro desses dados, como as técnicas que serão utilizadas em sua análise posterior (MARCONINE; LAKATOS, 2017, p.123).

Os resultados adquiridos na pesquisa realizada, serão analisados e comparados para obter a conclusão final do projeto e justificar por meio da mesma as dificuldades e desafios dos professores ao trabalharem com alunos da inclusão na pandemia.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A pesquisa foi realizada em três escolas de ensino fundamental do município de Rio Verde, nas quais professores de apoio e professores regentes responderam ao questionário que apresentava oito questões sobre a educação inclusiva e o ensino durante a pandemia.

É de entendimento de todos que há leis que amparam as crianças da educação inclusiva de acordo com o gráfico abaixo 60% dos professores conhecem as leis e 35% já ouviram falar sem o devido aprofundamento.



FONTE: Elaboração própria com dados da pesquisa.

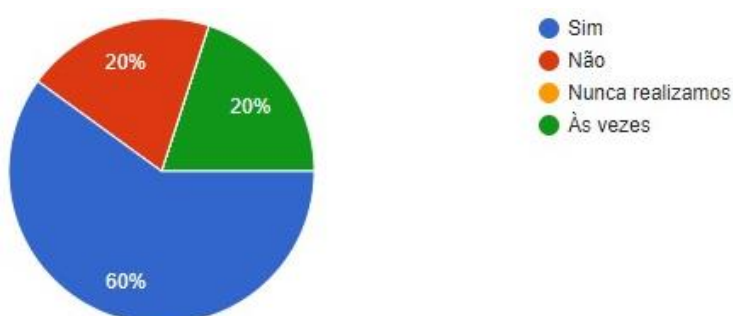
FIGURA 1 – Os Professores conhecem as leis que amparam a educação inclusiva.

Uma vez que é necessário que todos os professores saibam e entendam as leis, já que na maioria das salas de aula há alunos da inclusão. Nesse sentido, de acordo com a pesquisa realizada, a grande parte dos educadores responderam que as atividades para os alunos da inclusão são elaboradas conforme o nível de aprendizado dos alunos e muitas vezes são adaptadas, feitas com o auxílio do professor de apoio. Em casos que os alunos possuem uma dificuldade maior para o aprendizado, são utilizados materiais de apoio como por exemplo jogos didáticos e materiais palpáveis para ilustrar a atividade. Segundo Moraes (2015, s./p.),

Trabalhos realizados com os alunos que apresentam deficiência mental, através do lúdico demonstram que desenvolveram habilidades importantes, para que possam explorar e exercitar suas próprias ações, enriquecendo, a sua capacidade intelectual e sua autoestima.

Isso faz com o que o aluno se desenvolva por completo e ainda tenha uma aprendizagem significativa.

Além das atividades é muito importante que as escolas façam projetos para a educação inclusiva, pois dessa maneira os alunos da inclusão se sentem mais acolhidos por todos. Das três escolas que foram entrevistados seus educadores 20% responderam que não há projetos e que as vezes são realizados projetos. Os outros 60% responderam que há projetos para a educação inclusiva.



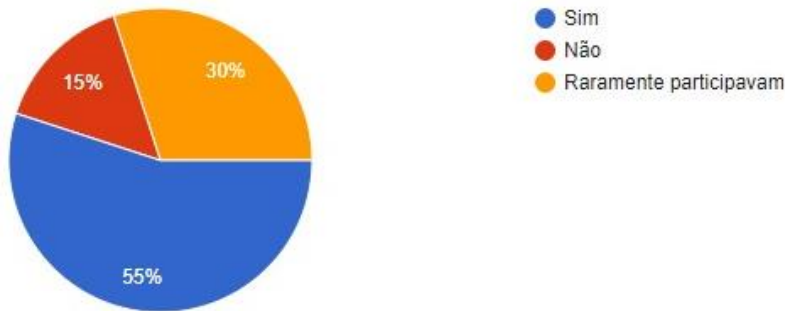
FONTE: Elaboração própria com dados da pesquisa.

FIGURA 2 – Projetos para a educação inclusiva realizados nas escolas.

Visto que é imensamente importante a utilização de projetos para a educação inclusiva, pois além de incluir os alunos, conscientiza os demais sobre o respeito as diferenças.

A pandemia trouxe um grande desafio para a educação inclusiva, tornar o processo de ensino-aprendizagem definitivo não foi uma tarefa fácil para os

educadores e um dos maiores desafios enfrentados pela escola, foi a aceitação dos pais com as atividades on-line, 15% dos pais não aceitaram bem as atividades online, 30% raramente participavam para acompanhar os filhos e os outros 55% participavam.

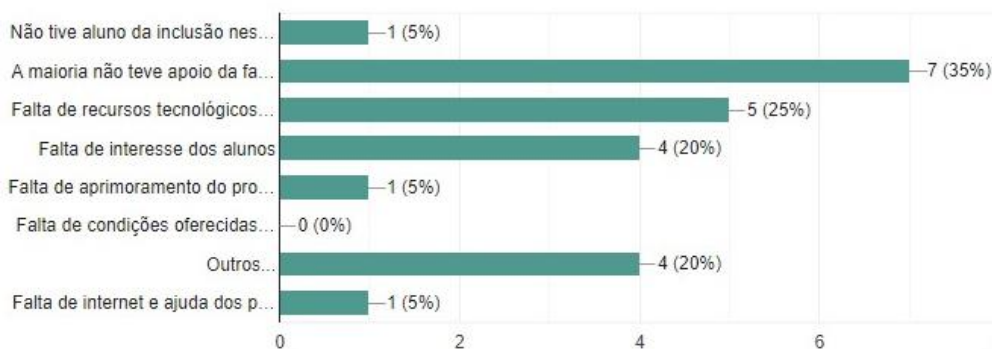


FONTE: Elaboração própria com dados da pesquisa.

FIGURA 3 – Pais que aceitaram bem as atividades on-line.

A participação dos pais é muito importante, principalmente na educação inclusiva, já que não haviam um professor de apoio, por perto, para cada criança. Krause (2020, p. 5) afirma que “sem a participação dos pais a escola não conseguirá ir muito longe e dificilmente alcançará seus objetivos, com isso os prejuízos serão maiores ainda”. Dessa forma, entende-se que é preciso que os pais trabalhem junto com toda a equipe pedagógica para que assim as crianças também possam aprender.

Em uma outra pergunta foi constatado que, 35% das dificuldades que os professores encontraram no período pandêmico foi a falta de apoio da família, 25% relataram a falta de recursos tecnológicos, 20% apresentaram a falta de interesse dos alunos, 5% denotaram a falta de aprimoramento dos professores, a falta de internet ou não tiveram alunos da inclusão.



FONTE: Elaboração própria com dados da pesquisa.

FIGURA 4 – Dificuldades dos alunos da inclusão durante a pandemia.

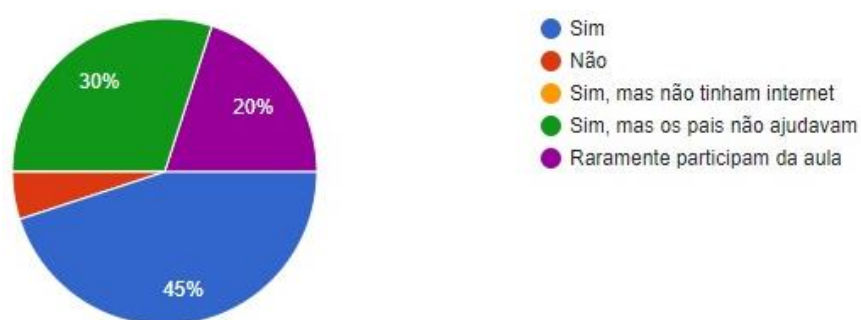
A educação é um processo que precisa da participação de todos e dentro da sala de aula é essencial que o professor regente e o professor de apoio trabalhem juntos, segundo os dados da pesquisa 75% dos professores regente trabalharam em parceria com os professores de apoio, 10% não trabalharam e os outros 15% trabalharam às vezes.



FONTE: Elaboração própria com dados da pesquisa.

FIGURA 5 – Parceria entre professor regente e de apoio para elaboração das atividades remotas.

Além da participação de toda a equipe pedagógica, as aulas remotas só acontecem por causa dos alunos e durante a pandemia 45% dos alunos da educação inclusiva estavam motivados a fazerem as atividades online com a ajuda de seus pais ou responsáveis, 30% não tinham a ajuda dos pais e 20% não tiveram o acesso à internet.



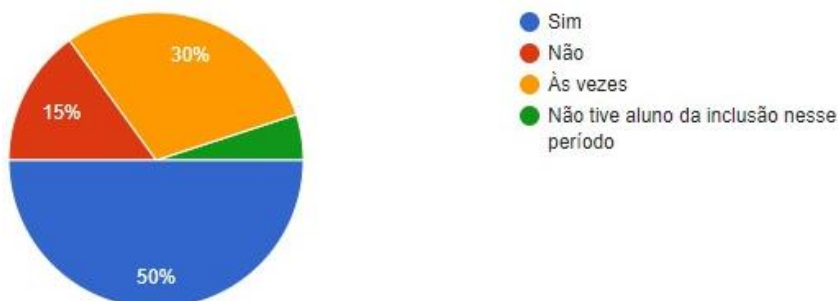
FONTE: Elaboração própria com dados da pesquisa.

FIGURA 6 – Alunos motivados para a realização das atividade on-line.

Nascimento, Sousa e Versolato (2020) ressaltam que a parceria com a família é um fator principal, levando em consideração as condições objetivas dos alunos atendidos, pois foi imprescindível, destacar seus objetivos e instrumentalizar a pessoa que realizaria a mediação da proposta.

De fato, durante a pandemia, as aulas remotas tornaram-se desafio para grande parte dos professores e alunos, esse período exigiu dedicação de ambas as

partes. Para os professores das escolas municipais de Rio Verde 50% encontram dificuldades, 30% responderam que as vezes e 15% não tiveram dificuldade.



FONTE: Elaboração própria com dados da pesquisa.

FIGURA 7 – Dificuldades encontradas pelos professores durante o ensino remoto.

É necessário que haja inovação no modelo educativo para os alunos da inclusão e também para os demais. Para que a inclusão aconteça o professor deve buscar sempre uma formação continuada e buscar inovar para acolher melhor os alunos. Dos professores entrevistados 50% acreditam que necessita de inovação no modelo educativo e 40% acreditam que talvez seja necessário um estudo e outros responderam que não precisam de mais conhecimentos.



FONTE: Elaboração própria com dados da pesquisa.

FIGURA 8 – Inovação no modelo educativo para a inclusão.

Inovar é preciso, e inovar na educação inclusiva é ainda mais relevante. Quando pensamos em "qualidade de ensino", que na opinião Vigotski (2001), objetiva em retirar dos educandos brasileiros, público ou não público da educação especial, os instrumentos psicológicos de mediação, os quais lhes possibilitam interpretar o mundo não natural e que define conceitos como normalidade e deficiência. Por isso professores, coordenadores e toda a equipe devem estar de braços abertos para acolher os alunos da inclusão com muita dedicação e sempre procurando inovação.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação inclusiva é extremamente importante, pois por meio dela os alunos se integram por completo na sociedade, começando pela sala de aula no qual passam uma boa parte do tempo. De acordo com o Decreto nº3.298 de 20 de dezembro de 1999 é dever da sociedade e do Estado assegurar a ampla integração da pessoa que possui algum tipo de deficiência no contexto socioeconômico e cultural. Dessa forma, a educação inclusiva deve acontecer na sociedade de forma natural e acolhedora.

Destarte, a presente pesquisa foi voltada para mostrar a realidade dos alunos da inclusão e como é o ensino dessas crianças. A falta de motivação dos professores, formação continuada, participação da família, foram os principais motivos que dificultam e denotam os desafios. Percebe-se que nem todos os professores estão preparados para receber essas crianças em sala de aula e muitas vezes não conhecem ao menos questões legais em relação ao direito desses alunos estarem inseridos em sala.

Nota-se que realizar o trabalho com alunos da educação especial se tornou desafiador principalmente no ensino a distância, pois há grandes intempéries para a aprendizagem, principalmente a falta de apoio dos pais. Há também a falta de comprometimento dos professores em relação aos alunos, uma vez que no ensino presencial essas crianças eram desassistidas. O professor tem o papel fundamental no processo de aprendizagem desses alunos, deve haver parceria entre professores regentes e de apoio, e assim propiciar a melhoria do ensino.

Por meio da pesquisa chega-se à conclusão que a verdadeira inclusão só ocorre quando a escola, professores, família, comunidade escolar e a sociedade caminham juntos com o mesmo objetivo: proporcionar o desenvolvimento educacional e social dessas crianças, pois segundo Cordeiro (2020) temos que reaprender a ensinar e reaprender a aprender, estes são os desafios deixados em meio ao isolamento social e a pandemia para a educação do país.

REFERÊNCIAS

ALVES, Daiane. Inclusão escolar e os alunos com deficiência auditiva na rede regular de ensino. **Revista Farol, Rolim de Moura-RO**, v. 5, n. 5, p. 129-146, 2017.

BEYER, Hugo. Integração e Inclusão escolar: reflexões em torno da experiência alemã. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, jul./dez. p.157-168, 2002.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes nacionais para a educação especial na educação básica**. Brasília, 1996. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/diretrizes.pdf>>. Acesso em: 16 set. 2021

BRASIL. **Presidência da República Casa Civil Subchefia para Assuntos Jurídicos**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm>. Acesso em: 20 fev. 2021.

CAMARGO, Eder Pires. **Inclusão e necessidade especial**: compreendendo identidade e diferença por meio do ensino de física e da deficiência visual. São Paulo: Livraria da Física, 2016.

COSTA, Renata. **Lições do Corona vírus**: Ensino remoto emergencial não é EAD. Desafios da Educação. 02 abr. 2020. Disponível em: <https://desafiosdaeducacao.grupo.com.br/coronavirus-ensino-remoto>> Acesso em: 31 out. 2021.

FREIRE, Paulo. **Professor sim, tia não**: cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho d'água, 1997.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, Alciele; SANTOS, Maria. **Relato sobre a importância da educação inclusiva e tecnologias durante a pandemia 2020/2021**. 2021. 51f. Monografia (Graduação em Pedagogia) - Universidade Federal de Alagoas - UFAL/Campus do Sertão, Delmiro Gouveia, 2021.

JESUS, Denise Meyrelles de; EFFGEN, Ariadna Pereira Siqueira. Formação docente e práticas pedagógicas: Conexões, possibilidades e tensões. In: TEÓFILO FILHO, Galvão Alves; MIRANDA, Theresinha Guimarães (Org.). **O professor e a educação inclusiva**: formação, práticas e lugares. Salvador: Edufba, 2012.

KRAUSE, Marcus. **A integração da família na educação remota do filho.** set. 2020. Disponível em: <<https://pensaraeducacao.com.br/pensaraeducacaoempauta/a-integracao-da-familia-na-educacao-remota-do-filho/>>. Acesso em: 15 nov. 2021.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar.** O que é? Por quê? Como fazer? São Paulo: Summus, 2015.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica.** 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

MORAES, Denise. **A importância do lúdico na educação especial. CIA - Publicações Ciclo do Conhecimento.** jan. 2015. Disponível em: <<http://centraldeinteligenciaacademica.blogspot.com/2015/01/a-importancia-do-ludico-na-educacaoespecial>>. Acesso em: 15 nov. 2021.

NASCIMENTO, Amanda Sousa Batista do; SOUSA, Débora de Lourdes da Silva; VERSOLATO, Marina Savordelli. **O impacto da pandemia na educação especial na perspectiva da educação inclusiva:** um balanço preliminar pela ótica de professores de Atendimento Educacional Especializado na Rede Municipal de Santo André. Anped, São Paulo, dez. 2020. Disponível em: <<https://anped.org.br/news/o-impacto-da-pandemia-na-educacao-especial-na-perspectiva-da-educacao-inclusiva-um-balanco>>. Acesso em: 15 nov. 2021.

SÚMULA: Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. **Caderno Cedes**, Campinas, v. 28, n. 75, p. 269-273, maio/ago. 2008. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ccedes/a/kZBZJ7QNysJHdsTKjyv7Qkj/?format=pdf&lang=pt>> Acesso em: 31 out. 2021.

VIGOTSKI, Lev Semenovitch. **A construção do pensamento e da linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.

APÊNDICE

Questionário

- 1) Você conhece os direitos e leis que amparam as crianças da educação inclusiva?
 sim não já ouvi falar
- 2) Na sua escola há realização de projetos para educação inclusiva?
 sim não
 às vezes nunca realizamos
- 3) No período pandêmico, desde o ano passado, os pais aceitaram bem as atividades on-line?
 sim não raramente participavam
- 4) Os alunos da educação inclusiva estavam motivados para fazerem as atividades on-line com ajuda dos pais e responsáveis?
 sim
 não
 sim, mas não tinha internet
 sim, mas os pais não ajudavam
 raramente participavam
- 5) Houve parceria, entre o professor regente e o professor de apoio em relação ao desenvolvimento da aprendizagem dos alunos público-alvo da inclusão, em função das atividades remotas executadas?
 sim não o professor de apoio que organiza
- 6) Durante a pandemia você encontrou dificuldades em relação ao ensino remoto para acompanhar o desenvolvimento dos alunos da inclusão?
 sim não às vezes não tive aluno/inclusão nesse período
- 7) Quais as dificuldades que os alunos da educação inclusiva encontraram durante sua aprendizagem, nesse período de pandemia?
 Não tive aluno da inclusão nesse período.
 A maioria não teve apoio da família.
 Falta de recursos tecnológicos e auxílio familiar.
 Falta de interesse dos alunos.
 Falta de aprimoramento do professor.
 Falta de condições oferecidas pela escola.
 Outros...
- 8) Você acredita que é preciso inovação no modelo educativo que temos para que a inclusão aconteça?
 sim
 não
 Talvez seja necessário inovar a aprendizagem
 A inclusão deve ser apenas em colégios adaptados